

A construção do lugar social da mulher no cordel: Uma análise do romance *O mal em paga do bem*, de Leandro Gomes de Barros

The construction of the social place of women in cordel: An analysis of the novel *the evil in pay of good*, by Leandro Gomes de Barros

La construcción del lugar social de la mujer en cordel: Un análisis de la novela *El mal en paga del bien*, de Leandro Gomes de Barros

Recebido: 03/12/2020 | Revisado: 09/12/2020 | Aceito: 12/12/2020 | Publicado: 14/12/2020

Francisco Paiva das Neves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5406-7102>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

Email: paivaneves21@gmail.com

Adriana Madja dos Santos Feitosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6489-2840>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: adrianamadja@gmail.com

Luís Távora Furtado Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1063-4811>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: luistavora@uol.com.br

Diana Nara da Silva Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2710-1904>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: dianasilvaa3@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a representação do lugar social da mulher na literatura popular, tendo como ponto de partida a análise do cordel *O mal em paga do bem ou Rosa e Lino de Alencar*, de autoria de Leandro Gomes de Barros. A pesquisa é bibliográfica e qualitativa, e investigou como o entorno social vivenciado pelo autor influenciou na construção dos personagens da narrativa. A representação da mulher no referido cordel é analisada à luz do contexto sócio-histórico do Brasil no período pré-industrial. Como suporte

teórico da pesquisa, cabe dar destaque ao conceito de “mentalidade histórica de uma época”, desenvolvido por Lee Goff (2003), aos estudos sobre “a nova mulher”, de Hobsbawm (1988), e às reflexões de Pierre Bourdieu (2019) em torno do poder simbólico. Pode-se reconhecer que o poeta reproduz na personagem Rosa a concepção de mulher das sociedades pré-industriais, retratando-a no papel de dona de casa, mãe, educadora e, ao mesmo tempo, narrando formas incipientes de construções de emancipação feminina. Enfim, o poeta não cria, não idealiza, somente reproduz a imagem de mulher do seu tempo.

Palavras-chave: Cordel; Mulher; Representação literária; Educação; Memória.

Abstract

This paper aims to reflect on the representation of the social place of women in popular literature, taking as its starting point the analysis of the cordel literature booklet *O mal em paga do bem ou Rosa e Lino de Alencar*, by Leandro Gomes de Barros. This is a bibliographic and qualitative research that has investigated how the social environment experienced by the author has influenced the construction of the characters in the narrative. The women representation on the string book is analyzed in the light of the Brazilian socio-historical context in the pre-industrial period. As theoretical support for this research, the concept of “historical mentality of a time”, developed by Lee Goff (2003), the studies on “the new woman”, by Hobsbawm (1988), and the reflections of Pierre Bourdieu (2019) about symbolic power should be highlighted. It can be affirmed that the poet reproduces on the character Rosa the concept of woman from pre-industrial societies, portraying her in the role of housewife, mother, educator and, at the same time, narrating incipient forms of female emancipation constructions. In summary, the poet does not create, does not idealize, he only reproduces the image of the woman of his time.

Keywords: Brazilian cordel literature; Woman; Literary representation; Education; Memory.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la representación del lugar social de la mujer en la literatura popular, teniendo como punto de partida el análisis del cordel *El mal en paga del bien o Rosa e Lino de Alencar*, de autoría de Leandro Gomes de Barros. La investigación es bibliográfica y cualitativa, e investigó cómo el entorno social vivido por el autor influyó en la construcción de los personajes de la narrativa. La representación de la mujer en dicho cordel es analizada a la luz del contexto sociohistórico de Brasil en el período preindustrial. Como soporte teórico de la investigación, cabe destacar el concepto de

"mentalidad histórica de una época", desarrollado por Lee Goff (2003), los estudios sobre "la nueva mujer", de Hobsbawm (1988), y las reflexiones de Pierre Bourdieu (2019) en torno al poder simbólico. Se puede reconocer que el poeta reproduce en el personaje Rosa la concepción de mujer de las sociedades preindustriales, retratándola en el papel de ama de casa, madre, educadora y, al mismo tiempo, narrando formas incipientes de construcciones de emancipación femenina. En fin, el poeta no crea, no idealiza, sólo reproduce la imagen de mujer de su tiempo.

Palabras clave: Cordel; Mujer; Representación literaria; Educación; Memoria.

1- Introdução

As narrativas orais em versos são anteriores a sua forma impressa, conhecida como literatura de folhetos. Essas narrativas, inicialmente transmitidas pela oralidade ou copiadas à mão em folhas avulsas, chegaram às portas do século XX repletas de figuras medievais, com dragões e cavalarias, com donzelas indefesas presas às torres de palácios e príncipes ou camponeses ardilosos prontos para salvá-las.

A temática imaginária do fantástico, que vincula fortemente o cordel à memória, permanece, ainda na contemporaneidade, nos cenários da literatura popular. A vinculação com o sobrenatural e/ou com o fantasioso pode ser percebida pelos títulos dos catálogos das editoras e pelas obras divulgadas pelos próprios poetas contemporâneos em redes sociais. No entanto, apesar de a temática narrativa continuar com forte e significativa vinculação com fantástico, com o encantamento e com a valentia, percebe-se nas narrativas atuais maior diversificação e inserção de temas cotidianos, incluindo-se aí questões ligadas ao empoderamento feminino.

Todavia, mesmo em narrativas poéticas da contemporaneidade, identifica-se, ainda, personagens femininos em papel de inferioridade social em relação aos personagens masculinos. A esse respeito, Cavignac (2006, p. 239) acentua que a análise das narrativas populares, em especial o cordel nordestino, “[...] permitiu extrair modelos ideais de comportamentos femininos e masculinos e lançar luz sobre o peso do destino da existência individual”.

Sobre essa questão, outra importante contribuição vem da pesquisadora Doralice Alves de Queiroz, que, em sua dissertação de mestrado, franqueia uma importante reflexão sobre a mulher na literatura de folhetos. A autora, ao discutir o mundo fechado para a mulher no espaço da escrita e da expressão popular, ressalta que qualidades atribuídas às mulheres,

tais como honestidade e beleza, quase sempre foram decantadas sob a ótica masculina. Nessa perspectiva, explica que “[...] esses estereótipos femininos são descritos na literatura com um caráter pedagógico, ditando normas de condutas que devem ser adotadas pelas mulheres, sob pena de duros castigos (Queiroz, 2006, p. 13).

De fato, na maioria dos romances de cordel, percebe-se o predomínio de personagens femininos com o protótipo acima descrito. No entanto, observa-se, também, que o romance de literatura popular em verso, mesmo com a hegemonia de personagens femininos identificados com o ideal de mulher das sociedades patriarcais, começa a ter em suas narrativas, ainda em inícios do século XX, a presença de um retrato de mulher que aponta para a emancipação feminina.

É nessa perspectiva que o presente trabalho tem como objetivo analisar o lugar social da mulher na literatura de cordel, mostrando como as opressões de gênero se manifestam na poesia popular. Para tanto, foi selecionado como *corpus* de análise o romance de cordel “O mal em paga do bem ou Rosa e Lino de Alencar”, de Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Relacionando a ficção narrada com o contexto histórico que ambientou a narrativa, são apontadas as formas incipientes de construções de emancipação feminina enquanto personagens da literatura popular em versos.

A pesquisa se desenvolve através da combinação da análise literária do *corpus* com obras teóricas que tratam tanto da discussão geral sobre a opressão sofrida pelas mulheres e do processo de emancipação feminina quanto de como essas questões se evidenciaram no âmbito da literatura de cordel. Trata-se, assim, de uma pesquisa bibliográfica, a qual, segundo Gil (2008, p. 50), “[...] se desenvolve a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Ademais, a abordagem metodológica do trabalho é de natureza qualitativa, considerando que essa vem a “[...] possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos” (Richardson, 1983, p. 39).

2- Metodologia

A pesquisa, enquanto abordagem qualitativa, a partir de estudos bibliográficos numa perspectiva histórica interpreta a influência que o contexto social, político e econômico exerceu sobre os poetas populares na construção dessas narrativas. Para alcançar esse fim, o estudo se apoia no entendimento de mentalidade histórica de uma época de Le Goff (2003), o qual demonstra que, por via da investigação em obras de arte, pode-se abstrair costumes e

concepções de épocas e, assim, entender o funcionamento da sociedade

Outra reflexão importante para o desenvolvimento desta pesquisa foi a teoria do processo de emancipação feminina, descrita no texto “A nova mulher”, de Hobsbawm (1988). O teórico, ao estudar o desenvolvimento do capitalismo, reflete sobre a questão da emancipação feminina e aponta que as mulheres começam a conquistar cidadania a partir da inserção no mercado de trabalho e das atividades laborais fora de casa.

Igualmente relevante para as nossas análises foi o conceito de violência simbólica, desenvolvido por Pierre Bourdieu em “A dominação masculina” (2019): partindo de suas pesquisas acerca da “dominação simbólica”, o autor investiga formas de opressão masculina sobre as mulheres no exercício das atividades profissionais.

No tocante, em específico, à análise da condição da mulher no âmbito cordelístico, incluem-se entre os autores que embasam as reflexões aqui desenvolvidas Cavignac (2006) e Sousa (2009). Esses e outros autores produziram importantes estudos acerca da situação da mulher, seja como personagem, seja como autora, no cordel nordestino, analisando as relações dessa literatura com as questões de gênero.

Faz-se necessário esclarecer que este estudo é parte de uma pesquisa maior em andamento, vinculada à Linha de Pesquisa História e Memória da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Trata-se da dissertação de mestrado, atualmente em processo de escrita, intitulada “Contexto histórico e social: o lugar social da mulher na literatura de cordel em folhetos nordestinos publicados entre 1900 e 1950”, a qual tem como *corpus* analítico tanto a obra do poeta, aqui analisada, quanto a do também paraibano José Camelo de Melo Resende (1885-1964), autor do clássico “Romance do pavão misterioso”.

3- Os impactos do desenvolvimento industrial na construção do lugar social da mulher na literatura popular em versos

O cordel, por ser um produto histórico, reflete a realidade concreta de cada tempo, de cada contexto. Dessa forma, esse gênero contribui para a reprodução da memória, para a construção e fortalecimento da identidade e para a reprodução de costumes. Não surpreende, assim, que a mulher seja retratada em papel de submissão em relação ao homem nos romances de cordel, principalmente nos escritos entre o fim do século XIX e meados da década de 1980.

De fato, essas narrativas poéticas reservam à mulher o papel de dona de casa, mãe,

educadora, guardiã e reprodutora de todo um sistema marcado pela misoginia. Nessa perspectiva, ao construir suas personagens em narrativas contextualizadas, o romance popular em poesia rimada terminou por reproduzir, difundir e naturalizar costumes e hábitos naturalizados na sociedade, como afirma Francinete Fernandes de Sousa (2009, p. 39): “[No cordel,] o poeta absorve os preconceitos da sociedade, ao mesmo tempo que, com sua poesia, ajuda a disseminá-los e confirmá-los”.

Compreende-se, no entanto, que o retrato do feminino nos folhetos é uma construção histórica, portanto, é uma representação do real vivido, a qual, com a mudança da estrutura da base produtiva, tende a sofrer alterações. Nessa perspectiva, as reflexões na escrita deste artigo se direcionam para as possibilidades de identificação da desnaturalização do conformismo feminino frente a uma sociedade estruturada e reprodutora de costumes que oprime a mulher.

Assim, a investigação da construção de personagens ficcionais e o lugar social que esses assumem nas histórias da poesia popular nordestina devem se realizar em paralelo com a reflexão acerca do contexto histórico do Brasil no período em que os cordéis são produzidos. Nessa perspectiva, cabe acentuar que o enredo da obra de cordel aqui analisada ambienta seus personagens em um Brasil pujante que despontava para o mercado internacional com a exportação da borracha, no final do século XIX, e do café, até a década de 1920, além de o mercado interno está em movimento com a crescente produção industrial que, em 1928, superava a rural (Caldeira, 2017).

Nesse período, o país se configurava como um dos maiores produtores de café do mundo, tendo quase toda a sua safra destinada à exportação. A riqueza da produção e o modelo produtivo aproximou, aos poucos, a cultura rural da lavoura cafeeira com a urbana e do centro de exploração industrial (Holanda, 2004), onde o cenário das capitais se modificava com o surgimento de centros industriais, particularmente “[...] no Rio de Janeiro cuja industrialização era mais antiga e São Paulo que se transformava rapidamente no principal centro industrial” (Carvalho, 2018 p. 63). Nesse cenário econômico, as cidades viam nascer os seus parques industriais e o surgimento de novos costumes e novas formas de as pessoas se relacionarem e, conseqüentemente, adquirirem novas práticas sociais.

Desse modo, compreende-se que o desenvolvimento industrial impulsionou o crescimento urbano e, com o aumento da oferta de vagas, impulsionou a inserção da mulher no mercado de trabalho. É essa inserção feminina na produção que vai possibilitar o surgimento de novos padrões e costumes. É dessa forma que esse lugar que a mulher ocupa tanto nas narrativas poéticas como na sociedade tende a ser modificado, já que a primeira é

um reflexo da segunda. Esse processo de transformação de padrões, indubitavelmente, afeta positivamente as construções das narrativas dos personagens femininos nas obras de cordel, como se observa nas obras de Leandro Gomes de Barros.

O referido autor, considerado “o pai do cordel brasileiro” pela qualidade de sua obra, nasceu no dia 17 de novembro de 1865, na fazenda Melancias, à época pertencente ao município paraibano de Pombal. Foi criado até os 15 anos pelo tio, o padre Vicente Xavier de Farias (1822-1907). Em 1880, mudou-se para Pernambuco, onde começou a imprimir poemas, os quais eram vendidos por ele mesmo em feiras e mercados. Chegou a publicar em torno de mil poemas, distribuídos em cerca de seiscentos folhetos, como informa o pesquisador e poeta cearense Arievaldo Viana (2014). É autor de clássicos do cordel, a exemplo de “O cachorro dos mortos”, “Donzela Teodora”, “Canção de Fogo”, “Juvenal e o dragão” e “A batalha de Oliveiros com Ferrabrás”, entre outros. Faleceu em Recife, no dia 4 de março de 1918.

O autor escreveu títulos vinculados a diversas temáticas, mas a maioria de suas obras tem ambientação urbana. Leandro, sendo um homem de seu tempo, vivenciou o início do desenvolvimento do capitalismo brasileiro, com o conseqüente crescimento das populações urbanas e suas contradições, retratando, dessa forma, esse contexto em sua obra.

O período em que o poeta viveu e escreveu suas obras muito contribuiu para a contextualização dos seus enredos, pois a partir da segunda metade do século XIX o Brasil passava por um intenso desenvolvimento capitalista. Importa mencionar que o desenvolvimento brasileiro foi possível devido ao aporte de capitais que impulsionou o aperfeiçoamento da técnica na produção industrial. É o grande volume desse aporte que possibilitou a construção de estradas de ferro para escoar a produção cafeeira, fazendo crescer os centros urbanos. Caldeira (2017, p. 514), interpretando os dados da economia desse período, mostra que o padrão econômico mudou com a República, uma vez que “[...] comparada com o passado Imperial, a economia deixou para trás a estagnação ao iniciar o desenvolvimento capitalista”.

Na Primeira República, o país deixou a posição de atraso, mostrando uma economia crescente, tanto no mercado interno nos setores da indústria, serviços e transportes como teve desempenho positivo na exportação do seu principal produto de exportação, a produção cafeeira. Esse fator “[...] implicou o deslocamento do eixo da vida societária do campo para a cidade e da agricultura para a indústria, ocorrendo, inclusive, um processo de urbanização do campo e industrialização da agricultura (Saviani, 2013, p. 191).

Portanto, é nesse espectro de ebulição econômica e deslocamento geográfico das

populações que vão ocorrer transformações de hábitos e costumes. As pessoas, antes habituadas ao cotidiano pacato do campo, vão se adaptando aos novos estilos de relacionamentos. Esse fator acarretou, paulatinamente, novas necessidades, tais como o surgimento de jornais, teatros, escolas, e novos hábitos alimentares e comportamentais.

Esse ambiente urbano e letrado, como explica Sousa (2009), influenciou significativamente a obra de Leandro Gomes de Barros. Dessa forma, os seus romances de cordel vieram a incorporar em suas histórias personagens baseadas em pessoas concretas, com seus hábitos, dramas, carências, ambições e problemas relacionados às estruturas das relações de poder.

Foi exatamente o que fez o autor ao ambientar “O mal em paga do bem ou Rosa e Lino de Alencar” no Rio de Janeiro, em plena virada do século XIX para o século XX. Nesse período, como aqui já mencionado, ocorrem intensas transformações econômicas, proporcionando a urbanização e a entrada do Brasil no comércio internacional, vindo o país a se tornar um dos maiores produtores de café do mundo.

Barros, residindo à época em Recife, ambienta a ficção no Rio de Janeiro, então capital do país, e em São Paulo, cidade em que a narrativa leandrina também se desenvolve. À época, nessas duas cidades são evidenciadas notáveis mudanças sociais e econômicas. Percebe-se, pela narrativa desse folheto de cordel, o rico contexto histórico do Brasil em finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. Nesse período, a nação passava por transformações políticas, econômicas e culturais, e preparava as estruturas necessárias ao desenvolvimentismo que viria a ocorrer algumas décadas depois. Tal fato ocorreu, possivelmente, devido ao Brasil, após a Proclamação da República, como atesta Saviani (2013), atravessar um surto de desenvolvimento industrial após ocorrer a mudança do eixo da economia brasileira do Nordeste para o Sudeste. Talvez, por isso o autor ambienta a narrativa analisada nessas duas cidades, as quais representavam o símbolo do crescimento industrial do país em 1920 (Carvalho, 2018).

Essas mudanças começam a ser operadas já a partir de 1808, com a instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro. A transferência da gestão da coroa para o Brasil foi decisiva para a criação de estruturas bancárias, escolas, tipografias, circulação de jornais, edição de livros, construção de teatros e o surgimento de pequenas manufaturas, propiciando um grande desenvolvimento urbano. Grande contingente da população rural, atraído por esse progresso, passa a se deslocar cada vez mais para as cidades.

Por outro lado, a abolição tardia dos povos escravizados, pleiteada pelo movimento abolicionista e pela pressão internacional contra o tráfico humano, obrigou o país a adotar

legislação restritiva ao comércio de mão de obra escrava, ocasionando, também, novas relações em torno do trabalho livre. O fim da escravidão, em 1888, contudo, não representou para cerca de 750 mil ex-cativos a incorporação aos novos empregos urbanos e rurais que surgiam com a crescente economia. Os postos de trabalho, gestados com o advento do desenvolvimento econômico, eram, em sua maioria, ocupados pelos imigrantes europeus, os quais trazem a cultura operária para as novas relações trabalhistas que se instituía, enquanto os “[...] ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos (Carvalho, 2018, p. 58)”.

O censo demográfico de 1890, pós-libertação dos escravos, revela que a população brasileira era de 14,5 milhões de habitantes. Essa contingência era composta etnicamente de brancos, pardos, negros e índios do final dos anos oitocentos, sendo que, em 1920, passa a ser de 30,5 milhões de brasileiros (Caldeira, 2017). Nesse ano, 16,6% da população vivia em cidades de 20 mil habitantes, dos quais 275.512 eram operários (Carvalho, 2018). É nesse momento em que ocorre o espectro de ebulição econômica e o deslocamento geográfico das populações, acarretando transformações de hábitos e costumes.

Assim, a economia, ao modificar o ambiente, transformou os hábitos, os costumes e as relações sociais. Dessa forma, justificou-se a opção do poeta em ambientar sua narrativa no Rio de Janeiro, compreendendo que as transformações econômicas e sociais terminavam por influir na construção de um novo retrato para a mulher no cordel.

4- *O mal em paga do bem: a história de Rosa e Lino de Alencar ou a crônica poética de um Brasil às margens do cais*

“O mal em paga do bem ou Rosa e Lino de Alencar”, de Leandro Gomes de Barros, é uma ficção em versos ambientada entre Rio de Janeiro e São Paulo, na segunda metade do século XIX. O autor descreve o drama vivenciado por uma jovem costureira que, após salvar da morte um rapaz, vê-se envolvida afetivamente por ele. No entanto, após a cura da enfermidade, por ter condição social inferior à do enfermo de quem tratou, é abandonada pelo mesmo. Dessa forma, a obra retrata um ambiente urbano permeado por valores sociais de posses, ambições e desejos. O poeta expressa, assim, o cotidiano das pessoas concretas de seu contexto sócio-histórico, moldando e dando vida a seus personagens, para que, poeticamente, os leitores testemunhem os dramas humanos do tempo vivido por ele.

A narrativa em foco é um clássico romance de cordel, com trama estruturada em

cento e noventa e sete estrofes de seis versos (sextilhas)¹ de sete sílabas poéticas (heptassílabos)². O autor começa a história descrevendo a casa em que moram Rosa, a protagonista da trama, e sua mãe, Madalena. Ambas trabalhavam em casa para pessoas que podiam pagar por seus serviços. A mãe é engomadeira, e a filha uma “modista”, como eram denominadas, à época, as costureiras. Assim, a protagonista, para garantir sua emancipação econômica, ocupa-se, como mensurado, no trabalho de modista, alternativa profissional reservada às mulheres de poucos recursos no século XIX e nas primeiras décadas do século XX (Almeida, 2006). Nada é citado sobre o pai da protagonista, que pode configurar nessa narrativa a perspectiva de que a mulher, na adversidade, começa a construção de sua autonomia:

O caso que vou narrar
Deu-se no Rio de Janeiro.
Trata-se em dois corações,
Um fino, outro traiçoeiro,
O que ninguém esperava
Num coração brasileiro.

Rosa era uma criança
Filha de engomadeira.
Tinha dezessete anos,
Era boa costureira.
Tanto que, naquele tempo,
Era modista a primeira.³ (Barros, *on-line*, p. 1)

Lino de Alencar, encontrado moribundo em uma ruela por Rosa e sua, é filho de um proprietário de terras economicamente falido. A moça, jovem de 17 anos, trata do enfermo durante meses, até que o mesmo, ao se ver curado, vai embora.

Lino chamou Rosa e disse:
– Estou bom e quero sair.
Vou cuidar da minha vida.
Se não morrer, hei de vir.
O bem que a senhora fez-me,
Me lembro enquanto existir.

Pois só uma mãe a um filho
Que tivesse muito amor
Faria o que você fez-me.
Disse Rosa: – Não, senhor.

¹ A sextilha é a modalidade de estrofe com maior tradição no cordel, tendo suas raízes vinculadas ao cancionero ibérico. A rima, nas estrofes de seis versos, ocorre nos versos pares.

² No cordel é usual o verso de sete sílabas poéticas, também intitulado de redondilha maior. Para escandir um verso os sons são cantados até a última vogal tônica.

³ A linguagem dos trechos do cordel analisado foi por nós atualizada.

Eu faria a qualquer um
Que precisasse favor. (Barros, *on-line*, p. 6).

Três anos depois, Rosa se torna noiva de um corretor de café. Repentinamente, porém, Lino retorna, e Rosa desfaz o casamento, reatando o noivado com o rapaz a quem curou das enfermidades:

Veja o que tem de arrumar
Para darmos aviamento.
Por minha parte, estou pronto,
Preparei nosso aposento.
Eu volto segunda-feira.
Na terça, é o casamento.

Lino, chegando a São Paulo,
Fez logo liquidação.
Recebeu todo o dinheiro
Que deviam ao seu patrão.
À tarde, foi à igreja
E tirou a certidão. (Barros, *on-line*, p. 18)

Quando a trama parece estabilizada, Lino, ao fazer uma viagem de trabalho a São Paulo, vê surgir a possibilidade de núpcias mais vantajosa com a filha de um fazendeiro. Ao retornar, desfaz o trato matrimonial com Rosa. A mãe desta, ao ver a filha rejeitada e humilhada, morre de desgosto inesperadamente.

Rosa recebe uma carta dando notícia de que é herdeira de uma grande fortuna em Portugal. Viaja para recebê-la e, ao regressar ao Brasil, transforma-se em rica e próspera empresária do ramo da moda. Esse fato faz com que Lino de Alencar, que ainda não tinha casado com a filha do fazendeiro, aproxime-se novamente da moça, reatando compromisso matrimonial. É marcada a data de casamento, com festas e grande expectativa da sociedade do Rio de Janeiro. Todavia, no altar, na hora do “sim”, Rosa desfaz o compromisso, e Lino enlouquece. Dessa forma, o desfecho da história nos mostra uma Rosa que rompe um paradigma social, no qual a mulher é vista como tendo como destino o matrimônio e a maternidade.

Interessante perceber como o poeta, ao construir seus personagens, mantém uma fidelidade estrutural em sua narrativa, de forma que as estruturas dos ambientes se vinculam aos perfis de seus personagens. É o que se observa, por exemplo, nas estrofes que descrevem o momento em que mãe e filha encontram Lino de Alencar ferido:

Se entreteram com conversas
Em momentos casuais.
Iam regressando à casa,

Passando à beira de um cais,
Ouviram grandes gemidos,
Suspiros que eram demais.

Rosa foi ver o que era;
Viu um rapaz estendido
Inda com o punhal no peito
À beira do cais caído.
Era Lino de Alencar
Que estava no chão ferido. (Barros, *on-line*, p. 3).

O cais, cabe destacar, é a porta de entrada e saída da cidade. Local por onde escoavam as mercadorias que seriam exportadas e, portanto, o território onde ocorriam as transações comerciais, de circulação da economia. Ou seja, o porto é descrito como sendo não somente local de embarque e desembarque, mas como um lugar movimentado, com muitas transações comerciais. Uma espécie de “bolsa de valores” informal, com pregões de compra e venda de safras de café.

É no ancoradouro, devido à chegada e saída de embarcações, que fervilha a vida, que circulam valores monetários, tornando o ambiente repleto de casas comerciais, tabernas e, geralmente, locais de meretrício. Por essa razão, as áreas próximas ao cais se achavam habitadas por trabalhadores.

Ao situar a moradia de Rosa e Madalena próximo ao cais, o poeta está informando aos leitores que ambas são pobres e vivem de trabalhos de encomenda. Esse aspecto fica claro tanto pela profissão de costureira da filha e de engomadeira da mãe, descrito pelo poeta, como também pela descrição de Lino de Alencar, destacado como sendo de “família ilustrada”, mas que ficou pobre. E é como pobre que passa a ser frequentador dos arredores do cais, talvez à procura de trabalho ou mesmo de tabernas para apaziguar as dores de seu drama.

Segundo as descrições históricas e geográficas fornecidas pelo autor, tudo leva a crer que o romance em foco tenha sido escrito entre 1900 e 1910, mas retrata um país de 1880, época em que o Brasil começava de deixar de ser uma sociedade agrária ou semi-industrial e dava os seus primeiros passos em direção a sua industrialização.

A esse respeito, Saviani (2013, p. 188) explicita que é nesse período que, após o apogeu e esgotamento do ciclo do ouro, há um deslocamento do eixo da economia brasileira do Nordeste, que produzia açúcar, para o centro-sul do país, onde se intensificava a produção de café. O desenvolvimento econômico da região produtora de café, que começa nos arredores do Rio de Janeiro, fortalece os produtores. Esses conseguem se articular com o capital inglês, passando a serem conhecidos como “os barões do café”, o que leva uma parcela de velhos proprietários rurais que não conseguia se adaptar aos novos padrões econômicos à ruína.

Esse setor econômico arruinado pode ser representado em “O mal em paga do bem” pelo personagem Lino de Alencar, filho de “família ilustrada, mas que caiu em pobreza”. Leandro Gomes de Barros, dessa forma, retrata fielmente aqueles setores econômicos brasileiros ligados à produção cafeeira arruinados pela crise mundial do produto. O poeta paraibano interpreta, sobretudo, a situação vivida pelos senhores de escravos e fazendeiros do café que perderam o valor total dos títulos de propriedade sobre os escravos e agora teriam que produzir em suas propriedades, contratando mão de obra e pagando por ela.

Cadeira (2017, p. 287), refletindo sobre essa mudança econômica, reconhece que “Depois da libertação dos escravos, os antigos senhores tornaram-se sôfregos, tão necessitados de dinheiro como seus antigos escravos ou qualquer mercador”. Não é demais lembrar que a crise das exportações, ocorrida nesse período, fez baixar sensivelmente o preço da saca do produto, levando inúmeros produtores à falência. Dessa forma, o poeta se mostra um conhecedor da realidade brasileira, retratando em seu romance poético as nuances de uma economia em crise.

5- Rosa, a construção da mulher transgressora no cordel de Leandro Gomes de Barros

Os poetas, ao criarem seus personagens femininos, nas narrativas romanceadas da literatura popular em versos, evidenciam os traços da mulher-modelo socialmente aceita e reproduzida. Essa mulher ideal é descrita como dedicada ao lar, responsável pelo cuidado da família, educadora dos filhos, cuidadora do esposo e fora da esfera do mundo da produção.

No retrato dessa mulher, estão presentes adjetivações, como as descritas pelo poeta na quinta estrofe do romance aqui analisado, ao se referir às características centrais da personagem feminina central da trama:

Rosa tinha um gênio dócil,
Era muito caridosa.
Com esta idade tão tenra,
Era muito caprichosa.
Andava decentemente,
Mas não era vaidosa. (Barros, *on-line*, p. 2).

O poeta, objetivando atrair a empatia dos leitores com sua heroína, afirma:

Rosa, com a pouca idade,
Tinha imensa formosura.
Era alva e bem corada,
Gorda e de boa estatura.
Era custoso de achar
Em outra tanta candura. (Barros, *on-line*, p. 8)

Essa adjetivação inicial de Rosa como boa, bela, caridosa, dócil e amável tem a função clara de fazer com que o leitor do período se identifique com a moça e também sofra com o seu martírio.

No desenvolvimento da narrativa, Rosa se mostra como uma mulher com características típicas das mulheres das sociedades pré-industriais. No entanto, à medida em que o poeta vai narrando seus dramas, seu protagonismo se avoluma na trama, levando-a a um processo de metamorfose psicossocial, evidenciando seu empoderamento. Nesse processo, ela vai se transformando em personagem reativo, reelaborando-se nas adversidades. Essa transformação, figurativamente, representa a mudança que hora se operava também na sociedade.

Como se pode observar, o personagem Rosa comporta duas representações sociais. A primeira, é a da mulher resignada, sofredora e submissa, e a segunda, é a da mulher redentora da humanidade. Para o período histórico em que acontece a narrativa, há mais identidade do leitor com o primeiro tipo, já que é a representação que tem maior vínculo com a mentalidade histórica do contexto.

Segundo Le Goff (2003), a “[...] mentalidade histórica” de sociedades pré-industriais guarda as heranças culturais das sociedades agrícolas. Nestas sociedades, o lugar social da mulher é reservado ao espaço da casa, do cuidar da família e da preservação dos valores morais desse modelo social. E é a reprodução desse modelo que contribuiu para a manutenção da situação de submissão, no qual a definição de “mulher ideal” é descrita como frágil e angelical.

Vale destacar que, na formação social brasileira o arquétipo dessa mulher ideal foi uma representação constituída em diferentes ambientes sociais, como os da família, da igreja e das escolas de instrução primária, que à época desenvolviam práticas para a condição feminina de ser mãe e cuidar da família.

Foi balizado nessa concepção que no Brasil, muito tardiamente, a mulher vem a ocupar postos de trabalhos concebidos para homens, como também veio tardiamente a ter acesso à educação formal. Nesse pormenor, é importante frisar que o acesso da mulher à escola no país mudará pouco a pouco essa condição, contudo, transformações estruturais só serão notadas na década de 1930, quando a mulher começa a trabalhar nas fábricas dos centros urbanos, principalmente em capitais.

As mulheres historicamente foram excluídas do processo de aprendizado formal, com as primeiras escolas sendo exclusivas para meninos. Dessa forma, as meninas brasileiras só começaram a frequentar as escolas-mestres na segunda metade do século XIX.

Anteriormente, eram nos ambientes da casa, por meio do ensino individualizado ministrado pelo clero, que as mulheres de classe mais privilegiada aprendiam algum conhecimento de leitura e escrita. Nas poucas escolas de meninas, criadas no Império, o ensino era diferenciado e rudimentar, pois tinham que praticar bordados e costuras, além de algum ensino da escrita e das primeiras letras e aritmética.

Destarte, a educação feminina era precária, sendo que as jovens não podiam frequentar as classes avançadas do ensino primário, tampouco os liceus. Destaca-se, também, que, mesmo com o desenvolvimento econômico e a consequente ocupação de postos de trabalho por mulheres, esse processo não se amplia para a educação. A educação para meninas, por muito tempo, continua sendo um privilégio das filhas das classes economicamente mais favorecidas.

No Brasil, somente com a criação dos grupos escolares, nas primeiras décadas do século XX, é que foi reconhecido o princípio da educação entre os sexos, ao estabelecer igual número de classes para meninas e meninos. Nesse pormenor, vale salientar que o acesso ao currículo primário foi equiparado, no entanto, manteve-se a diferenciação do ensino feminino com as disciplinas de trabalhos manuais e ginástica.

Assim, nessa nova sociedade que se constituía, amplia-se a educação feminina, pois foi confiada à mulher a responsabilidade de formadora dos princípios cívicos, morais e civilizadores, exigindo-lhe mais instrução, assim, o direito à educação primária foi se constituindo como natural para as meninas brasileiras (Souza, 2006). Percebe-se que, mesmo com a ascensão do sexo feminino à educação, há uma diferenciação curricular, direcionando para as mulheres uma educação que valoriza o protótipo de mulher do lar, meiga, carinhosa e submissa ao marido.

Confirma esse fato os versos em que o poeta descreve as qualidades, segundo a concepção dominante à época, de mulher ideal. Nessa idealização, a docilidade assegurava uma esposa submissa e sempre pronta a servir à vontade do marido. Os adjetivos caridosa, tenra, caprichosa e decente, além da não vaidade, vêm no sentido de reforçar a ideia de subalternidade, de reconhecimento e aceitação da relação de poder masculino. Essa concepção do feminino é uma herança da sociedade patriarcal, do período colonial que perdura, em muitos casos, até a contemporaneidade. Os traços da antiga organização social não desaparecem por total: “o *moderno* e o *tradicional* (ou *arcaico*)⁴ sempre andam de mãos dadas, um absorvendo a seu modo estruturas, valores, práticas e simbologias do outro”

⁴ Grifos do autor.

(Domingos-Neto, 2010, p. 22). O patriarcalismo foi um sustentáculo da economia colonial; no entanto, mesmo com as transformações sociais, em que a legislação e as políticas afirmativas igualam em direitos homens e mulheres, essas concepções ainda se manifestam em parcelas consideráveis da sociedade.

Essas adjetivações em referência às mulheres expressam, segundo o sociólogo Pierre Bourdieu, a “dominação simbólica”, que é a objetivação do poder simbólico. As mulheres, como explica o autor, são vítimas da dominação masculina, sendo que tal dominação é exercida, na maioria das vezes, pelo mecanismo que Bourdieu denomina de violência simbólica. Essa dominação ocasiona uma dependência simbólica, e as mulheres passam a existir “[...] primeiro pelo e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas” (Bourdieu 2019, p. 111).

Nas primeiras estrofes, como é característica do cordel, Barros descreve com riqueza de detalhes os tipos urbanos que povoam sua narrativa, dando-lhes o desenho do perfil psicológico e as posições sociais que os protagonistas ocupam. O bardo vai descrevendo as cenas e acrescentando detalhes que permitem ao leitor visualizar a cidade do Rio de Janeiro daquele período. Descreve o espaço geográfico, as casas comerciais, os meios de transportes e a principal atividade econômica, a exportação de café, dando, inclusive, a um dos personagens a profissão de “corretor de café”.

Interessante, também, é o trecho em que Rosa e Madalena saem a passear. Esse sair a passear e a entrada em um restaurante de propriedade de uma mulher conhecida nos mostra um recorte do então incipiente movimento de emancipação feminina. No caso aqui citado, a mulher que começa a se inserir nos negócios vem a ser uma amiga da mãe de Rosa, proprietária de um restaurante: “entraram num restaurante/de uma conhecida (Barros, *on-line*, p. 3). É exatamente quando saem do local, ao passarem nas proximidades de um cais, que escutam os gemidos de Lino de Alencar, ferido a punhaladas. Outro aspecto que vale destacar no romance aqui analisado é que o poeta paraibano, ainda nas estrofes iniciais, informa ao seu leitor que mãe e filha pertencem à classe trabalhadora.

A história vai se desenvolvendo, e o poeta vai tecendo argumentos que qualificam os personagens femininos em seus papéis sociais. Primeiro como trabalhadoras e amáveis, e depois como caridosas, vindo, assim, a assumirem os papéis de enfermeiras, uma das profissões tidas à época como essencialmente femininas. Esse lugar social se consolida no momento em que Rosa e sua mãe Madalena socorrem o enfermo, levando-o para a casa delas, cuidando de seus ferimentos e medicando-o durante o decorrer de 60 dias, prazo em que ele

foi totalmente curado. Rosa e sua mãe, enfermeiras e cuidadoras, foram reestabelecendo a saúde do enfermo, como nos conta o bardo paraibano nas estrofes 17 e 18:

Rosa, olhando para ele,
Teve tanta compaixão.
Parece que, nessa hora,
Sentiu uma comoção
Lhe disse: – Eu trato de ti;
Serás tu um meu irmão.

E ordenou que o levasse
Para a sua residência,
Dizendo: – Eu tratarei dele;
Terei toda a paciência.
Se ele não me agradecer,
Deus dará a providência. (Barros, *on-line*, p. 5).

Essa ação de caridade não é somente demonstração de bom coração e solidariedade humana. O autor do cordel reproduz na figura de Rosa a concepção de mulher nas sociedades pré-industriais. Nessas sociedades, existem, ainda, marcas profundas das sociedades de economia agrária, em que as mulheres estão totalmente excluídas de atividades fora do lar. Já nas sociedades em processo de industrialização, as mulheres passam a pressionar e a ocupar espaço no mercado de trabalho, no entanto, em posição de inferioridade. Segundo ressalta Bourdieu (2009, p. 24), nesse estágio “[...] a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça”. Dessa forma, observa-se nas sociedades pré-capitalistas uma masculinização da quase totalidade das profissões e uma feminilização de certas profissões ditas para mulher, entre elas professora, secretária, cuidadora e enfermeira.

Portanto, a construção do personagem Rosa com essa caricatura não é a exteriorização do modelo de ideal de mulher do autor, mas tão somente a afirmação de que “[...] o poeta popular, nos recônditos de suas lembranças, reporta-se às mulheres concretas, talvez as mulheres que fazem parte do universo de suas vivências [...]. Essas mulheres passam a povoar o imaginário do poeta, a partir da elaboração dessa realidade” (Mello & Sousa, 2009, p. 18). Em suma, o poeta não cria, não idealiza, mas somente reproduz a imagem de mulher do seu tempo.

Segundo nos explica Eric Hobsbawm, em sua obra “A era dos impérios” (1988), nas sociedades agrícolas, e mesmo nas sociedades pré-industriais, o trabalho das mulheres era desenvolvido em casa, em auxílio ao esposo. O autor, ao analisar a situação da mulher nas atividades laborais, considera que “[...] o que caracterizava sua vida era a impossibilidade de separar as funções familiares e o trabalho. Essas eram levadas a efeito num único ambiente,

no qual a maior parte dos homens e mulheres realizavam suas tarefas sexualmente diferenciadas” (Hobsbawn, 1988, p. 276).

De fato, nas sociedades pré-capitalistas, em que predominavam o artesanato, pequenas manufaturas familiares ou pequenos comércios, as mulheres trabalhavam em casa, principalmente pelo fato de terem muitos filhos. Cuidavam da organização e manutenção do lar, da criação e da educação dos filhos e ajudavam o marido na execução das atividades profissionais, já que as oficinas ou o comércio se localizavam na própria casa.

Nesse período, apesar da aparente imobilidade das relações sociais, já vinham ocorrendo mudanças, mesmo ainda no seio das relações econômicas dos negócios familiares. Ou seja, as relações sociais no período pré-industrial, apesar de sua aparência de imobilidade, não são totalmente estáticas, como comprova Eric Hobsbawm (1988, p. 276). Seu caráter econômico de relações de troca, permite que as mulheres, mesmo tendo dupla função na divisão social do trabalho, passem em certos aspectos a ter protagonismos, mesmo que invisibilizados quanto às questões de gênero.

Nessas sociedades pré-industriais, sociedades em que começam a se desenvolver as relações capitalistas de produção, mas que ainda sobrevivem as relações características de sociedades agrícolas, há um paradoxal senso de imobilidade sociocultural. No entanto, as contradições das relações de produção, já aí presentes, vão mudando as relações sociais dessa sociedade transitória. São essas transformações imperceptíveis que proporcionam as mudanças e os avanços.

Nessa perspectiva, entende-se que as transformações da economia, no modo de produzir os itens necessários à sobrevivência humana, interferem nos padrões de vida e alteram as relações sociais, em todos os seus aspectos. Dessa forma, observa-se que, nas sociedades industriais, ocorrem mobilidades comportamentais, mudanças e padrões de vida que refletem em mudanças na educação, na saúde, no lazer e, principalmente, nas relações entre os gêneros.

6- Considerações Finais

Neste ensaio, foi mostrado como a mulher foi representada na literatura de cordel. Para tanto, analisamos a narrativa em versos “O mal em paga do Bem ou Rosa e Lino de Alencar”, de autoria de Leandro Gomes de Barros. Por meio desta análise, constatou-se que o cordel, enquanto expressão literária, retrata o cotidiano, e que seus personagens, apesar de ficcionais, têm base no real, mais propriamente no período histórico vivenciado pelo autor,

retratando as relações de poder do período em que a história é narrada.

No cordel aqui analisado, viu-se que a história é ambientada em uma etapa histórica em que a sociedade brasileira passa por um período de transição econômica. Esse cenário, no qual o Brasil era ainda uma sociedade pré-industrial, apresentava marcas profundas das sociedades agrárias, nas quais prevaleciam a cultura patriarcal, estando o lugar social da mulher bastante limitado.

Constatou-se, pelo romance aqui examinado, que a poesia popular, em especial o cordel, reproduz marcadores, tais como esposas submissas e cuidadoras do lar, fortalecendo o pensamento hegemônico quanto ao lugar social da mulher. No entanto, foi percebido, também, que o romance de literatura popular em verso, mesmo sendo dominado por personagens femininos identificados com o ideal de mulher das sociedades patriarcais, começou a evidenciar em suas narrativas, ainda em inícios do século XX, a presença de um retrato de mulher que apontava para a emancipação feminina. Esse pormenor é identificado no romance aqui analisado quando a personagem feminina central da trama conquista autonomia, abdicando do casamento, rompendo, assim, com um paradigma estabelecido e aceito socialmente. Dessa forma, constatou-se, ao reproduzir marcadores que colocam a mulher em papel de submissão em relação ao homem, que esse não é necessariamente o ideal do poeta, mas tão somente a representação da mulher concreta do contexto. Dessa forma, o poeta, sendo impactado pelo seu ambiente sociocultural, termina por reproduzir o real vivenciado.

Observou-se, ainda, que as sociedades não são de todo estáticas, uma vez que, mesmo que muitas vezes imperceptíveis, as mudanças ocorrem. Percebeu-se, assim, que, à medida em que era operado o desenvolvimento na estrutura produtiva, havia, concomitantemente, uma mudança nos padrões comportamentais. Portanto, esse retrato do feminino nos folhetos de cordéis se apresenta como uma construção histórica, sendo a representação do real vivido. Nessa perspectiva, com o desenvolvimento da sociedade, a partir da mudança da estrutura de sua base produtiva, a mentalidade em torno das mulheres tende a mudar.

Como foi mostrado aqui, observa-se em “O mal em paga do bem ou rosa e Lino de Alencar” que Leandro Gomes de Barros retrata o período em que o Brasil passava por mudanças em sua base produtiva. Essa mudança de caráter econômico possibilitou um rápido o desenvolvimento das cidades, elevando em poucas décadas os seus contingentes populacionais. Esse crescimento proporcionou a construção de novas estruturas, com o surgimento de escolas, jornais, teatros e a publicação de livros. Verificou-se, também, que a

mudança na economia possibilitou a mudança de comportamento relacional entre as pessoas. A mulher, nesse processo de mudanças, conquistou espaços no mercado de trabalho, na formação escolar, alcançando, assim, sua autonomia e o empoderamento de gênero. É o que acontece com Rosa de “O mal em paga do bem”.

Dessa forma, no período histórico em que a obra é narrada, a educação formal inexistia para as amplas parcelas das crianças e jovens. A população pobre educava seus filhos, usando instrumentos variados de letramento, entre eles o folheto de cordel. Conclui-se, portanto, que as obras literárias tidas como populares, em especial a poesia narrativa do cordel brasileiro possibilita aos historiadores, principalmente aos que refletem e escrevem sobre a História e a memória, um rico manancial para a produção teórica sobre os processos educacionais. É neste sentido que esperamos que esta análise possa contribuir para que outros estudiosos venham a desenvolver estudos e reflexões a partir das poéticas e outros textos da literatura popular, fortalecendo assim múltiplas possibilidades de análises históricas dos contextos sociais brasileira.

Referências

Almeida, J. S. Vestígios para uma Reinterpretação do magistério Feminino em Portugal e no Brasil a partir do século XIX. In: Saviani, Demerval. O legado educacional do século XIX [et al.]. - 2ª ed. ver. e ampl. – Campinas: SP: Autores Associados, 2006.

Barros, L. G. O mal em paga do bem ou Rosa e Lino de Alencar. Sem dados. On-line, s.d., Recuperado de <http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=RuiCordel&pasta=O%20mal%20em%20paga%20do%20bem%20ou%20Rosa%20e%20Lino%20de%20Alencar&pesq=&pagfis=521>.

Bourdieu, P. A dominação masculina. Trad. Maria Helena Kühnner. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

Caldeira, Jorge. História da Riqueza no Brasil. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

Cavignac, J. A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral. Trad. Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2006. Recuperado de

https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6WEK7J_

Carvalho, J. M. Cidadania no Brasil: o longo caminho. – 24ª ed. –Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Domingos-Neto, M. O que os filhos dos vaqueiros me contaram: o domínio oligárquico no Vale do Parnaíba. São Paulo: Annablume, 2010.

Gil, Antônio Carlo. Métodos e técnicas de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Hobsbawm, E. J. A era dos impérios. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Holanda, S. B. Raízes do Brasil. – 26ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Le Goff, J. História e memória. Trad. Bernardo Leitão, et al. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

Queiroz, D.A. Mulheres cordelistas: percepção do universo feminino na literatura de cordel. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

Richardson, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1983.

Saviani, D. História das ideias pedagógicas no Brasil. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

Sousa, F. F. A mulher negra mapeada: trajeto do imaginário popular no folheto de cordel. Tese de Doutorado em Letras. João Pessoa, PB: UFPB/Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

Souza, R. F. Espaço da Educação e da Civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. In: SAVIANI, Dermeval. O Legado Educacional do século XIX. [et al]. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 33-70.

Viana, A., & Barros L. G: o mestre da literatura de cordel: vida e obra. Fortaleza: SINTAF; Mossoró: Queima-Bucha, 2014.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Francisco Paiva das Neves– 40%

Adriana Madja dos Santos Feitosa– 25%

Luís Távora Furtado Ribeiro– 20%

Diana Nara da Silva Oliveira– 15%